

Questões

Texto 1: Tempo da camisolinha

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! e eu me envaidecia deles, mais que isso, os adorava por causa dos elogios. Foi por uma tarde, me lembro bem, que meu pai suavemente murmurou uma daquelas suas decisões irrevogáveis: “É preciso cortar os cabelos desse menino.” Olhei de um lado, de outro, procurando um apoio, um jeito de fugir daquela ordem, muito aflito. Preferi o instinto e fixei os olhos já lacrimosos em mamãe. Ela quis me olhar compassiva, mas me lembro como se fosse hoje, não aguentou meus últimos olhos de inocência perfeita, baixou os dela, oscilando entre a piedade por mim e a razão possível que estivesse no mando do chefe. Hoje, imagino um egoísmo grande da parte dela, não reagindo. As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano, até que se acabassem feitas trapos. Mas ninguém percebeu a delicadeza da minha vaidade infantil. Deixassem que eu sentisse por mim, me incutissem aos poucos a necessidade de cortar os cabelos, nada: uma decisão à antiga, brutal, impiedosa, castigo sem culpa, primeiro convite às revoltas íntimas: “é preciso cortar os cabelos desse menino”.

Tudo o mais são memórias confusas ritmadas por gritos horríveis, cabeça sacudida com violência, mãos enérgicas me agarrando, palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas, dificuldades irritadas do cabeleireiro que se esforçava em ter paciência e me dava terror. E o pranto, afinal. E no último e prolongado fim, o chorinho doloridíssimo, convulsivo, cheio de visagens próximas atrozes, um desespero desprendido de tudo, uma fixação emperrada em não querer aceitar o consumado.

Me davam presentes. Era razão pra mais choro. Caçoavam de mim: choro. Beijos de mamãe: choro. Recusava os espelhos em que me diziam bonito. Os cadáveres de meus cabelos guardados naquela caixa de sapatos: choro. Choro e recusa. Um não conformismo navalhante que de um momento pra outro me virava homem-feito, cheio de desilusões, de revoltas, fácil para todas as ruindades. De noite fiz questão de não rezar; e minha mãe, depois de várias tentativas, olhou o lindo quadro de Nossa Senhora do Carmo, com mais de século na família dela, gente empobrecida mas diz-que nobre, o olhou com olhos de imploração. Mas eu estava com raiva da minha madrinha do Carmo.

E o meu passado se acabou pela primeira vez. Só ficavam como demonstrações desagradáveis dele, as camisolinhas. Foi dentro delas, camisolas de fazendinha barata (a gloriosa, de veludo, era só para as grandes ocasiões), foi dentro ainda das camisolinhas que parti com os meus pra Santos, aproveitar as férias do Totó sempre fraquinho, um junho.

MÁRIO DE ANDRADE

Contos novos. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

1. Observe o fragmento:

As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano,

Indique o termo ao qual o pronome pessoal oblíquo se relaciona. Em seguida, classifique sintaticamente esse pronome.

2. Mário de Andrade é um escritor conhecido pela adjetivação expressiva e original que utiliza em seus textos, como nos exemplos sublinhados abaixo:

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas,

Descreva o valor expressivo dos dois adjetivos e explique por que o emprego de cada um deles é peculiar.

3. Considere os diferentes processos de formação das palavras sublinhadas no fragmento abaixo.

Um não conformismo navalhante que de um momento pra outro me virava homem-feito,

Nomeie tais processos e classifique os elementos que compõem cada palavra.

Texto 2: Onde estás?

É meia-noite... e rugindo Passa triste a ventania, Como um verbo de desgraça, Como um grito de agonia.

E eu digo ao vento, que passa Por meus cabelos fugaz: “Vento frio do deserto, Onde ela está? Longe ou perto?” Mas, como um hálito incerto, Responde-me o eco ao longe: “Oh! minh’amante, onde estás?...”

Vem! É tarde! Por que tardas? São horas de brando sono, Vem reclinar-te em meu peito Com teu lânguido abandono!... ‘Stá vazio nosso leito...
‘Stá vazio o mundo inteiro;

E tu não queres qu’eu fique Solitário nesta vida...

Mas por que tardas, querida?... Já tenho esperado assaz...

Vem depressa, que eu deliro Oh! minh’amante, onde estás?...

Estrela – na tempestade, Rosa – nos ermos da vida; Íris¹ – do naufrago errante, Ilusão – d’alma descrida²! Tu foste, mulher formosa! Tu foste, ó filha do céu!...

... E hoje que o meu passado Para sempre morto jaz...

Vendo finda a minha sorte, Pergunto aos ventos do Norte... “Oh! minh’amante, onde estás?...”

CASTRO ALVES

Espumas flutuantes e outros poemas. São Paulo: Ática, 1998.

4.

*Stá vazio nosso leito...**'Stá vazio o mundo inteiro;* (vv. 16-17)

Nos versos acima, estão presentes figuras de linguagem como recursos estilísticos. Nomeie duas delas, explicando o efeito expressivo obtido com seu emprego.

5. No texto II, há uma forma verbal que expressa uma súplica feita pelo eu lírico à mulher amada. Identifique essa forma verbal e as respectivas flexões de pessoa e modo.

Texto 3: O comprador de fazendas

O acaso deu a Trancoso uma sorte de cinquenta contos na loteria. Não se riam. Por que motivo não havia Trancoso de ser o escolhido, se a sorte é cega e ele tinha no bolso um bilhete? Ganhou os cinquenta contos, dinheiro que para um pé-atrás daquela marca era significativo de grande riqueza.

De posse do bolo, após semanas de tonteira deliberou afazendar-se. Queria tapar a boca ao mundo realizando uma coisa jamais passada pela sua cabeça: comprar fazenda. Correu em revista quantas visitara durante os anos de malandragem, propendendo, afinal, para a Espiga. Ia nisso, sobretudo, a lembrança da menina, dos bolinhos da velha e a ideia de meter na administração ao sogro, de jeito a folgar-se uma vida vadia de regalos, embalada pelo amor de Zilda e os requintes culinários da sogra. Escreveu, pois, a Moreira anunciando-lhe a volta, a fim de fechar-se o negócio.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança.

– É agora! – berrou o velho. – O ladrão gostou da pândega e quer repetir a dose. Mas desta feita curo-lhe a balda¹, ora se curo! – concluiu, esfregando as mãos no antegoço da vingança.

No murcho coração da pálida Zilda, entretanto, bateu um raio de esperança. A noite de sua alma alvoreceu ao luar de um “Quem sabe?” Não se atreveu, todavia, a arrostar² a cólera do pai e do irmão, concertados ambos num tremendo ajuste de contas. Confiou no milagre. Acendeu outra velinha a Santo Antônio...

O grande dia chegou. Trancoso rompeu à tarde pela fazenda, caracolando o rosilho³. Desceu Moreira a esperá-lo embaixo da escada, de mãos às costas.

Antes de sofrear⁴ as rédeas, já o amável pretendente abria-se em exclamações.

Ora viva, caro Moreira! Chegou enfim o grande dia. Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Moreira tremia. Esperou que o biltre⁵ apeasse e mal Trancoso, lançando as rédeas, dirigiu-se-lhe de braços abertos, todo risos, o velho saca de sob o paletó um rabo de tatu e rompe-lhe para cima com ímpeto de queixada⁶.

Queres fazenda, grandíssimo tranca⁷? Toma, toma fazenda, ladrão! – e *lepte, lepte*, finca-lhe rijas rabadas coléricas.

O pobre rapaz, tonteando pelo imprevisto da agressão, corre ao cavalo e monta às cegas, de passo que Zico lhe sacode no lombo nova série de lambadas de agravadíssimo ex-quase-cunhado.

Dona Isaura atíça-lhe os cães:

Pega, Brinquinho! Ferra, Joli!

O mal azarado comprador de fazendas, acuado como raposa em terreiro, dá de esporas e foge à toda, sob uma chuva de insultos e pedras. Ao cruzar a porteira inda teve ouvidos para distinguir na grita os desaforos esganiçados da velha:

Comedor de bolinhos! Papa-manteiga! Toma! Em outra não hás de cair, ladrão de ovo e cará!... E Zilda?

Atrás da vidraça, com os olhos pisados do muito chorar, a triste menina viu desaparecer para sempre, envolto em uma nuvem de pó, o cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos.

Moreira, o caipora⁸, perdia assim naquele dia o único negócio bom que durante a vida inteira lhe deparara a Fortuna: o duplo descarte – da filha e da Espiga...

MONTEIRO LOBATO
Urupês. São Paulo: Globo, 2007.

Vocabulário:

- 1.balda - defeito habitual, mania
- 2.arrostar - encarar sem medo
- 3.rosilho - cavalo de pelo avermelhado
- 4.sofrear - conter
- 5.biltre - homem vil, infame
- 6.queixada - espécie de porco-do-mato
- 7.tranca - indivíduo ordinário, de mau caráter
- 8.caipora - indivíduo azarado

6. Observe as expressões destacadas nos fragmentos abaixo.

Ai, ai, ai! Quando tal carta penetrou na Espiga houve rugidos de cólera, entremeio a bufos de vingança.

Toma, toma fazenda, ladrão! – e lepte, lepte, finca-lhe rijas rabadas coléricas.

Classifique essas expressões e explicite o valor estilístico de cada uma.

7. O personagem Trancoso é caracterizado de diferentes formas ao longo do texto. Indique duas caracterizações que contrastam entre si, apresentando o ponto de vista que justifica cada uma.

8. Observe a oração:

Desta vez, compro-lhe a fazenda.

Classifique sintaticamente o pronome pessoal. Em seguida, reescreva oração, substituindo-o por outra palavra de igual valor, mantendo o sentido original.

Texto 4: À televisão

Teu boletim meteorológico me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol. Para que ir lá fora?
A comida succulenta
que pões à minha frente como-a toda com os olhos. Aposentei os dentes.

Nos dramalhões que encenas há tamanho poder
de vida que eu próprio nem me canso em viver.

Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta: já não preciso do mundo.

JOSÉ PAULO PAES

Prosas seguidas de odes mínimas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

9. Considere a estrofe a seguir.

*Nos dramalhões que encenas há tamanho poder
de vida que eu próprio
nem me canso em viver. (vv. 9-12)*

Identifique a primeira oração da estrofe, classifique sintaticamente a segunda oração e aponte a circunstância adverbial expressa pela terceira oração.

10. No texto IV, José Paulo Paes faz uma reflexão crítica sobre a televisão. Em cada estrofe do poema há um verso que estabelece uma progressão temática. Aponte esses versos e explique como eles contribuem para essa progressão.

QUESTÕES EXTRAS

Texto V: Profundamente

*Quando ontem adormeci Na noite de São João Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas luzes de Bengala Vozes, cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.*

*No meio da noite despertei Não ouvi mais vozes nem risos Apenas balões
Passavam, errantes Silenciosamente
Apenas de vez em quando O ruído de um bonde Cortava o silêncio
Como um túnel.*

*Onde estavam os que há pouco Dançavam
Cantavam E riam
Ao pé das fogueiras acesas?*

*— Estavam todos dormindo Estavam todos deitados Dormindo
Profundamente.*

*Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João Porque adormeci*

*Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?*

-

Estão todos dormindo Estão todos deitados Dormindo Profundamente.

(Manuel Bandeira)

11. O vocábulo *profundamente* ocorre duas vezes no poema e mantém um sentido básico nessas ocorrências; contudo, em uma delas, seu significado é ampliado.

Indique o sentido básico e o ampliado da palavra.
Aponte em que caso há transbordamento de seu sentido comum.

12. O uso da forma nominal *dormindo* é mais que metafórica no último verso. Que figura de linguagem é caracterizada com seu emprego?

13. Se o verbo dormir assume sentido conotativo no poema, explique sob que sentido aparece o substantivo *noite* no primeiro verso da segunda estrofe.

Texto VI: O casamento do diabo

Satan teve um dia a idéia De casar. Que original: Queria mulher não feia Virgem corpo, alma leal.

*Toma um conselho de amigo Não te cases, Belzebú;
Que a mulher, como ser humano, é mais fina do que tu.
Cortou as unhas, cortou o rabo, Cortou as pontas, depois
Sahio o nosso diabo, Como o heroe dos heroes.*

*Toma um conselho de amigo Não te cases, Belzebú;
Que a mulher, como ser humano, é mais fina do que tu.*

*Casar era sua dita;
Correu por terra e por mar, Encontrou mulher bonita
E tratou de a sequestrar.*

*Toma um conselho de amigo Não te cases, Belzebú;
Que a mulher, como ser humano, é mais fina do que tu.*

Elle quis, ella queria Poseram mão sobre mão, E na melhor harmonia Verificou-se a união.

*Toma um conselho de amigo Não te cases, Belzebú;
Que a mulher, como ser humano, é mais fina do que tu.*

*Passou-se um anno, e ao diabo Não cresceram por fim,
Nem as unhas, nem o rabo... Mas pontas, essas sim...
Toma um conselho de amigo Não te cases, Belzebú;
Que a mulher, como ser humano, é mais fina do que tu.*

ASSIS, J. M. Machado de. Texto inédito.

Observação: respeitou-se, na transcrição, a grafia original.

14. Na primeira estrofe, ao se descrever a mulher desejada, sugere-se uma hierarquia dentre suas características. Qual seja, e o que se revela, consequentemente?

15. A partir da figura feminina, o eu-lírico expressa sua visão acerca do ser humano, em repetidas passagens. Comente-a, à luz do Realismo e da obra do autor.

16. De acordo com as regras vigentes, há, no texto, dois equívocos no tocante à acentuação. Indique-os.

17. O que se pode depreender da leitura da penúltima estrofe? Compare-a, em sua análise, à terceira.

Gabarito

1. O verbo conservaria, de acordo com a predicação verbal, é transitivo direto, tendo "as camisolinhas" como objeto direto: "Ela conservaria ainda as camisolinhas". A inserção do pronome pessoal oblíquo as - que se refere às camisolinhas - aponta para um uso expressivo, como um reforço, uma chamada de atenção para "as camisolinhas", objeto tão relevante na situação contextualizada. Assim, surge o objeto direto pleonástico, figura mais estilística que gramatical, para materializar a ocorrência. Normalmente é o pronome pessoal oblíquo que funciona como objeto pleonástico.
2. A obra de Mário de Andrade é marcada pela constante experimentação estética e pela reação às formas cristalizadas. Na pesquisa de soluções formais inovadoras, o autor dá à adjetivação grande força expressiva, tornando-a capaz - em virtude das associações inesperadas - de caracterizar, em traços rápidos e incisivos, personagens e situações. No primeiro exemplo do texto, o adjetivo lentos dá destaque ao movimento dos cabelos, complementando o primeiro adjetivo empregado: cacheados. Contrariamente ao que ocorre com o uso do adjetivo cacheados - usualmente utilizado para qualificar o substantivo cabelos -, a utilização de lentos é surpreendente porque este último adjetivo é empregado para qualificar a velocidade do movimento ou a duração de algo, o que não se aplica ao substantivo cabelos. No segundo exemplo, o adjetivo infecundas enfatiza a ideia de que as piedades foram inúteis, não tiveram efeito. O emprego é surpreendente porque tal adjetivo não costuma ser empregado para caracterizar um sentimento, e sim a terra, os animais, os homens.
3. Existem em português palavras formadas por diferentes processos. Umas já fazem parte do léxico da língua, outras consistem em neologismos que podem ou não ser incorporados. Nos exemplos em análise, navalhante, formada por derivação sufixal, é composta pelo radical navalh, pela vogal temática a e pelo sufixo nte. Já em homem-feito, há uma composição por justaposição do substantivo comum homem ao adjetivo/particípio feito.
4. Nos dois versos, estão presentes diversas figuras de linguagem: A repetição, pelo emprego de uma mesma expressão, Stá vazio, nos dois versos; A anáfora, pela repetição dessa expressão no início dos dois versos sucessivos; a hipérbole, pela ênfase resultante do exagero deliberado observado no verso Stá vazio o mundo inteiro; a gradação, pela intensificação de sentido produzida com o uso do par nosso leito / o mundo inteiro; a anástrofe, pela inversão da ordem natural das palavras - "nosso leito está vazio, o mundo inteiro está vazio".
- Essas figuras de linguagem - e duas delas, quaisquer que sejam, já resultam no efeito expressivo em questão - contribuem para a amplificação do sentimento de solidão e vazio, que, na percepção subjetiva e intimista do eu lírico, não se limita ao próprio leito, estendendo-se pelo mundo inteiro.
5. O imperativo é um modo verbal mórfica e significativamente distinto dos demais. Expressa a vontade do falante em relação ao comportamento do ouvinte. As formas verbais do imperativo são as de segunda pessoa (singular e plural), relacionadas ao pronome tu, de terceira pessoa (singular e plural), relacionadas ao pronome você, e as de primeira pessoa do plural. Para a

sincronia, as segundas pessoas correspondem, na forma afirmativa, às do presente do indicativo, com a supressão dos final - daí vens > vem.

6. As interjeições são palavras que traduzem, de modo vivo, os estados psíquicos, em movimentos súbitos. Há vários tipos de interjeições. O caso em questão se apresenta na escrita de uma maneira convencional fixa - Ai, ai, ai! -, cujo valor estilístico é de contrariedade. As onomatopéias são vocábulos que tentam reproduzir determinado ruído. Constituem-se com os fonemas, que, pelo efeito acústico, dão melhor impressão do ruído. Lepte, lepte tenta reproduzir o som das rabadas coléricas que Moreira dava em Trancoso com o rabo do tatu.

7. Um dos traços saborosos do texto de Monteiro Lobato é a diversidade de caracterizações do personagem Trancoso, algumas delas contrastantes, em virtude das expectativas do personagem responsável pela caracterização. Vale ressaltar que o próprio narrador emite, com ironia, sua opinião sobre Trancoso, acrescentando mais um traço ao perfil do personagem e contribuindo para o desenho dos conflitos que vão conduzindo a trama até o seu desfecho. Veja a seguir as caracterizações de Trancoso presentes no texto e os pontos de vista que as justificam:

o escolhido - expressão empregada pelo narrador, descrevendo a situação inicial do personagem;

Ladrão, biltre, tranca - caracterização feita por Moreira, que tem contas a ajustar com Trancoso e deseja vingar-se dele;

Cavaleiro gentil dos seus dourados sonhos - expressão que se refere às expectativas da personagem Zilda, que via em Trancoso a possibilidade do casamento, deparando-se, ao final, com a frustração de seus sonhos;

Amável pretendente - caracterização irônica feita pelo narrador, o qual, com essa expressão, alude ao modo gentil e afável como Trancoso se apresenta na fazenda;

Comedor de bolinhos, papa-manteiga, ladrão de ovo e cará - expressões usadas pela sogra, que insulta Trancoso desta maneira por julgá-lo ladrão e aproveitador;

O mal azarado comprador de fazendas - expressão utilizada pelo narrador, descrevendo a situação final do personagem.

8. A primeira parte da questão solicita a classificação gramatical do pronome pessoal, no caso, lhe. De acordo com a predicação verbal, o verbo comprar é transitivo direto e indireto, admitindo dois complementos: a fazenda, como objeto direto, e lhe, pronome pessoal oblíquo, como objeto indireto. Esse pronome pessoal expressa, no contexto, valor de posse. Então, sua substituição por outra palavra, com igual valor, mantendo o sentido original, seria "Desta vez, compro a sua fazenda", com o uso do pronome possessivo.

9. A primeira oração da estrofe é Nos dramalhões há tamanho poder de vida. O pronome relativo que marca o início da segunda oração, que encenas, que se classifica como subordinada adjetiva restritiva. A terceira oração, que eu próprio nem me canso em viver, expressa a circunstância adverbial de consequência.

10. No poema de José Paulo Paes observa-se uma reflexão sobre a televisão que, à medida que a leitura avança, fica mais contundente. O tema da televisão se desenvolve em vários aspectos. A progressão temática se estabelece pelo último verso de cada estrofe. Os versos assinalam uma gradual desumanização provocada pela exposição sucessiva à televisão.

11. a) Como sentido básico, *profundamente* confere ideia de grande intensidade; como sentido ampliado, o vocábulo, em sua segunda ocorrência, reafirma a ideia de morte, sem que negue seu sentido inicial.

b) No segundo caso.

12. Eufemismo.

13. Tendo em vista a maneira metafórica como o poema trata a morte, pode-se considerar a noite como o momento no qual morrem os entes próximos a ele.

14. Ao dizer “mulher não feia”, o eu-lírico sugere que o aspecto da beleza feminina não lhe parece essencial. Sua preferência está no “virgem corpo” e na “alma leal”, o que indica uma predominância dos aspectos psicológicos sobre a aparência: pureza e fidelidade seriam mais importantes que a beleza externa.

15. O ser humano seria visto como extremamente racional, inteligente, esperto e enganador.

16. “Belzebú” e “sequestrar”.

17. Para encontrar uma parceira, o diabo cortara as unhas, o rabo e as pontas, ou chifres. Um ano depois, apenas as pontas voltaram a crescer. No imaginário popular, o diabo foi traído pela mulher, que lhe colocou chifres.